DE FOME EU NÃO MORRO!

Depois de uma manhã de muito trabalho no roçado, capinando, arrancando toco, brocando, encoivarando, e já exaustos, cansados, com uma fome que o bucho estava quase grudado nas costas. Os cinco trabalhadores resolvem buscar pra barriga e chegam de mansinho, desconfiados no alpendre da casa grande da fazenda.  
O sol alto, já era pingo do meio dia e nada de oferecerem um agradinho. Quem sabe um café, fubá, rapadura, queijo, farinha, sei lá qualquer coisa, pois nem água parecia que tinha naquele lugar, já que nada saía.  
O patrão deitado no alpendre, roncando, sinalizava que pro seu lado as coisas estavam bem.  
E o pior é que não acontecia nada que pudesse dar esperança de que o rango estava pra sair.   
Um batido de tampa de panela, o cheirinho de carne assada, pratos batendo, tintilar de colher, movimento na cozinha, nada! Era um breu só.  
Os homens se entreolhavam, e o único som mais latente além do ressonar do patrão, era o roncar das tripas dos seus estômagos.  
De repente aparece na porta a patroa e pergunta:  
- Vocês querem assistir televisão?  
Eis que de pronto um deles responde:  
- Minha Senhora! EU COMO É TUDO!

Professor Júnior Silva